

## Artigos de tema livre:

# Organização religiosa moderna: sobrevivência e competição em uma sociedade secularizada

## *Modern religious organization: survival and competition in a secularized society*

JOÃO RICARDO BOECHAT SALES

### **RESUMO:**

Ante as intensas mudanças do campo religioso brasileiro, este trabalho objetiva discutir o significado e função das organizações religiosas, a partir da teoria da secularização de Charles Taylor e da teoria da diferenciação funcional de Niklas Luhmann, destacando os seguintes aspectos: 1) a sobrevivência econômica da organização, 2) estruturação das carreiras oferecidas pela organização e 3) a competição externa com outras organizações. Além da discussão teórica, analisam-se três organizações religiosas que representam diferentes formas pelas quais o pentecostalismo influencia a religião cristã. Desta forma, a discussão teórica e a análise organizacional objetivam colaborar para a discussão da religião na sociedade moderna.

**Palavras-chave:** Organização Religiosa; Modernidade; Pentecostalismo

### **ABSTRACT:**

Aware of the intense changes in Brazilian society, this paper intends to discuss the meaning and function of religious organizations, using the functional differentiation theory of Niklas Luhmann as guide, emphasizing three aspects: 1) the economic survival of the organization; 2) the career structure offered by the organization; 3) the external competition with other

organizations. Besides the theoretical discussion, three religious organizations are analyzed, which represent three different ways of how Pentecostalism influences Christianity. Thus, the theoretical discussion and the organizational analysis aim to collaborate to the discussion about religion in modern society.

**Keywords:** Religious organization; Modernity; Pentecostalism

## 1. INTRODUÇÃO

O pentecostalismo se adapta às diferentes demandas religiosas e sociais, rompendo algumas barreiras de classe e se tornando uma religião que influencia diferentes segmentos sociais. Uma das formas de analisar a forma pela qual o pentecostalismo se relaciona com a sociedade moderna se baseia na análise das organizações religiosas influenciadas pelo pentecostalismo, mas que necessitam participar de uma realidade onde a religião não é mais a esfera hegemônica sobre as outras.

Este é o objetivo deste artigo, a saber, analisar as organizações religiosas das quais fazem parte os especialistas religiosos estudados neste trabalho. A fim de cumprir este objetivo, no primeiro tópico deste artigo, discutirei o significado e função das organizações religiosas, a partir da teoria da diferenciação funcional do sociólogo Niklas Luhmann (2002). Posteriormente, apresentarei uma análise comparativa de como o pentecostalismo se adapta aos diferentes interesses religiosos e sociais observados nessas diferentes organizações religiosas. A análise do pentecostalismo será realizada a partir da observação do “tripé pentecostal”, isto é, a teologia da prosperidade, a guerra espiritual e a flexibilização dos usos e costumes. Esta comparação será realizada com base nas observações feitas a partir das análises realizadas das organizações religiosas estudadas neste trabalho.

As organizações religiosas foram selecionadas através de entrevistas com seus líderes, priorizando sempre dois pontos principais: os anseios sociais expressos pelos líderes religiosos durante as entrevistas e a adaptação do pentecostalismo a tais anseios. Selecionamos, assim, três igrejas. Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Semear e Segunda Igreja Batista de Campos. Das igrejas selecionadas, a Igreja Mundial é a maior em quantidade de templos – 22 na cidade de Campos –, ainda que seja a mais difícil de se afirmar o número de membros, dada a grande rotatividade de indivíduos que participam das reuniões. O bispo responsável pelas 22 comunidades na cidade estima que de 7 mil a 8 mil indivíduos frequentem as reuniões regularmente. O corpo de líderes religiosos é composto pelo bispo regional, um pastor responsável por cada comunidade e obreiros (sem salário) responsáveis por prestar auxílios ao que o pastor necessitar. O número de obreiros varia em relação ao tamanho das comunidades, que podem ter entre 100 e 1.200

membros. Além de ser uma comunidade criada sob a ótica neopentecostal, não há muitos trabalhos que a utilizam como exemplo, havendo preferência pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Igreja Internacional da Graça. Por isso, a análise desta igreja poderá trazer informações importantes não só sobre os anseios sociais revelados, como também sobre a própria comunidade ainda não conhecida, além de novos conhecimentos sobre seus líderes religiosos.

A segunda organização religiosa exposta neste trabalho – a Igreja Semear – é composta de 2.100 membros. A escolha dessa comunidade se deu uma vez que a mesma se originou da separação em relação à igreja de missão Ceifa. A divisão se deu justamente pela entrada do pentecostalismo e pelo receio da liderança anterior em permitir sua “entrada” (hoje se percebe que a Ceifa já adotou práticas neopentecostais). Baseando-se no modelo celular, esta comunidade está em ampla expansão na região Norte Fluminense graças à administração de seu líder e à adaptação do “tripé neopentecostal” às necessidades demonstradas e sua influência direta no consumo material, cultural e formação do capital social dos indivíduos que ali frequentam.

A Igreja Semear tem seu corpo eclesiástico formado pelo Apóstolo Luciano, pastor fundador e presidente da organização, 13 pastores escolhidos e “consagrados” pelo Apóstolo Luciano – responsáveis por diferentes áreas da igreja, tais como, louvor, jovens, mulheres, administração dos bens, entre outros – e cerca de 500 líderes responsáveis pelas quase 500 células existentes, formadas pelos 2 mil membros da Igreja.

Finalmente, será observada a Segunda Igreja Batista em Campos, organização religiosa tradicional na cidade. Apesar de grande em número, 3.200 membros, esta comunidade não ficou imune ao impacto pentecostal. Ainda que a liturgia dominical pouco tenha sido afetada, os inúmeros “retiros”, “congressos” e “conferências” nos mostram que esta vertente religiosa tem sido capaz de dialogar com as necessidades distintas. O corpo eclesiástico da Segunda Batista é formado pelo pastor presidente, Éber Silva, dez pastores escolhidos pelo pastor Éber para administrar as diferentes áreas da igreja e por mais de 500 líderes de células, responsáveis pelos 2.300 indivíduos que frequentam estas reuniões semanais.

Cabe aqui a seguinte elucidação: a Segunda Igreja Batista em Campos é uma igreja histórica, com mais de 100 anos, classificada como uma igreja de missão, com uma doutrina embasada em princípios protestantes reformadores; esta não é, portanto, semelhante às outras duas selecionadas. Trata-se de uma igreja de importância nacional cujo líder, pastor Éber Silva, é o presidente da Ordem dos Pastores Batistas Brasileiros e

que tem entre seus membros o pastor Fernandinho, considerado o cantor cristão que mais vendeu discos nos últimos dez anos, tendo atualmente 3.200 membros. Esta igreja não ficou imune ao impacto pentecostal e incorporou em suas mensagens e práticas adaptações do “tripé pentecostal” que a empurraram para um caminho diferente do que seguia até então. Não pretendo me fixar muito no processo de transformação sofrido pelas igrejas de missão com a chegada do pentecostalismo, mas o assunto merece ser abordado, uma vez que a estratégia das igrejas históricas para não perder membros para as neopentecostais encontra-se na abertura destas igrejas históricas para a mesma lógica de relacionamento com o divino usada nas igrejas pentecostais.

Assim, buscamos um trabalho de campo que possa revelar diferentes relações entre interesses religiosos e interesses sociais, bem como demonstrar como estes anseios são encarnados pela organização religiosa.

## **2. ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS MODERNAS**

Analisando a sociologia de Weber (2013) e, posteriormente, a de Bourdieu (2009), é possível observar como estes relacionam a formação e desenvolvimento das religiões com diferentes grupos sociais, demonstrando, assim, que há uma profunda relação entre religião e interesses sociais. Em uma sociedade moderna, esta relação entre religião e classe social também se manifesta. Como 86,8% da população brasileira é apontada pelo Censo 2010 do IBGE como católica (64,6%) ou evangélica (22,2%), diferentes vertentes do cristianismo se aproximam de diferentes classes sociais.

Ao desenvolver sua sociologia dos tipos de especialistas religiosos, a saber, o mago, o profeta e o sacerdote, Weber observa que quando um profissional religioso é bem-sucedido, este atrai discípulos (1982, p.310). Os discípulos que seguem tais especialistas o fazem não só porque confiam em sua palavra, mas também porque encontram na mensagem ou na conduta exemplar trazida por tal especialista um meio de satisfação dos seus interesses e anseios sociais. Utilizando o exemplo clássico do Cristianismo, cada discípulo de Jesus o seguia não somente pela convocação recebida, mas porque cria que aquele mestre trazia uma mensagem e uma conduta exemplar de salvação, seja salvação pessoal ou para a pátria. Ou seja, crer em um especialista, em sua mensagem e conduta exemplar significa enxergar neste a possibilidade de satisfação dos seus interesses e anseios.

No entanto, tanto em Weber como em Bourdieu, os interesses religiosos desenvolvidos e realizados por organizações e especialistas religiosos não são mera

extensão dos interesses sociais. A religião, à medida que vai se autonomizando enquanto esfera social com lógica própria, atua como elaboradora dos interesses religiosos a partir da matéria-prima dos interesses sociais dos distintos grupos, permitindo, por exemplo, que distintos interesses sociais estejam ligados a um mesmo interesse religioso. Uma vez que organizações e/ou especialistas religiosos consigam elaborar interesses religiosos comuns capazes de transcender, em certa medida, as fronteiras dos interesses sociais, embora sem nunca lograr uma completa desvinculação destes interesses, torna-se provável a adesão de distintos grupos sociais a estas organizações e especialistas a fim de realizar estes interesses religiosos. Certamente, os indivíduos que formam esta organização e/ou aderem a ela não são, exclusivamente, da mesma classe social; mas uma vez que tendem a compartilhar interesses sociais, indivíduos de uma mesma classe possuem mais afinidades com as organizações religiosas que elaboram interesses religiosos a partir da matéria-prima destes interesses sociais específicos. Desta forma, a relação entre organização religiosa e classe social não é algo determinista, mas sim uma relação de afinidade contingente.

É importante observar que a religião se adapta e atua na modernidade, ou seja, no mundo secularizado, uma vez que “o conceito de secularização é inseparável do conceito de modernidade” (DUTRA, 2016). Neste artigo, objetivo analisar como a modernidade afeta a religião partindo da análise das organizações religiosas.

Conforme foi demonstrado, a pré-modernidade era caracterizada pela influência religiosa sobre as noções de mundo natural, subjetivo e social. A modernidade rompe, então, com tal imaginário, desconstruindo estas três noções de mundo. Diante desta nova realidade social, a diferenciação entre sociedade e religião exige novas estratégias religiosas a fim de retomar a integração com a sociedade, participando da vida social moderna.

Dado o fim do domínio religioso sobre as demais esferas sociais, a modernidade é caracterizada, assim, como aponta Luhmann (2002), pela diferenciação funcional, uma vez que a sociedade moderna é formada por distintas instituições encarregadas de cumprir funções especializadas.

Embora outras formas de diferenciação como a estratificação social não tenham desaparecido ou perdido sua relevância para a ordem social, a sociedade moderna é marcada pelo primado da diferenciação funcional, pois a ordem social não pode ser concebida sem a existência de instituições incumbidas de preencher funções especializadas (DUTRA, 2007, p. 6).

Ainda que toda organização privilegie uma função especializada, estas organizações possuem diversas outras orientações funcionais. Por exemplo, a organização religiosa tem

como função especializada intermediar a comunicação entre a mensagem divina e o indivíduo receptor, atuando como local de encontro entre o transcendente e o humano. Todavia, como precisa obedecer às leis, ou ainda pagar os empregados, a organização religiosa necessita se orientar por considerações jurídicas e econômicas. Nesta sociedade secularizada marcada pela autonomia das esferas sociais, a religião se apresenta como uma das diversas esferas sociais, buscando influenciar as demais através da construção de éticas religiosas, porém sem ser, obrigatoriamente, a esfera central de interpretação do mundo. Assim, a relação religião e sociedade não mais se dá de forma hierárquica, onde a religião influencia diretamente a diferenciação das demais esferas sociais, como a educação, ciência e política.

Cumprindo suas funções sociais, as organizações religiosas bem-sucedidas são capazes de não só sobreviver como também convencer outros estratos sociais de que seus serviços são justos, morais e importantes, afetando assim o espaço social no qual estão inseridas (ABRUTYN, 2014). Uma organização religiosa não só influencia a sobrevivência das funções religiosas na sociedade secularizada, como também detém capacidade para influenciar outras esferas sociais. A secularização não significa, necessariamente, a retirada da religião da esfera pública; mas apenas que a influência da religião sobre outras esferas não é direta, precisando ser elaborada de acordo com a lógica da cada esfera social. Por exemplo, nas últimas décadas uma diversidade de trabalhos foi produzida atestando a influência religiosa no campo político (BURITY, 1999; MACHADO, 2012; MACHADO & BURITY, 2014; MARIANO, 2013; ORO, 2011). Esses autores observam como o poder político das organizações religiosas vai além da capacidade destas organizações de elegerem candidatos. A própria agenda pública que trazem, privilegiando questões morais, faz da religião uma força política que não pode ser ignorada também no espaço dos debates e controvérsias públicas.

Portanto, uma organização religiosa é a expressão material (templos) e imaterial (doutrinas, teologias) da busca da religião em participar de uma sociedade que não mais se baseia exclusivamente em valores religiosos. Assim, a organização religiosa é uma organização moderna, pois é afetada pelas demais esferas sociais (política, direito, economia, mídia), cumprindo uma função religiosa especializada na sociedade, mas sem poder ignorar outras funções sociais não religiosas. Vale enfatizar: a organização religiosa cumpre por um lado uma função especializada, a saber, intermediar a relação entre a mensagem divinamente inspirada (trazida pelo especialista religioso) e os indivíduos, sendo o local de troca entre o ser humano (louvor, orações, ofertas) e o divino (mensagem ética,

promessas, milagres). E atua, por outro lado, como viabilizadora da interação entre função religiosa e outras funções, como a econômica e a política.

Sofrendo as consequências da secularização global (DUTRA, 2016), não basta à organização religiosa cumprir sua função especializada (converter fiéis). Esta tem de estar atenta às oportunidades e desafios de uma sociedade diferenciada e marcada por competição em diferentes esferas, incluindo a esfera religiosa. Dizendo de outra forma, se a competição e a busca por afirmação de uma organização na esfera religiosa a vincula obrigatoriamente a objetivos religiosos, isto também a obriga a levar em consideração outras variáveis, algumas externas à religião. Neste trabalho, destacamos três variáveis: 1) a competição externa com outras organizações; 2) a sobrevivência econômica da organização; e 3) a estruturação das carreiras internas.

O primeiro ponto a se considerar nas análises das organizações religiosas aqui realizadas diz respeito à competição com outras organizações religiosas. Este aspecto mostra uma importante influência da sociedade moderna sobre as organizações religiosas, isto é, o pluralismo religioso ou ainda a existência de diferentes organizações cumprindo funções especializadas semelhantes. Tal aspecto influencia também as organizações religiosas. Desta forma, há um leque de igrejas na sociedade, e todas afirmam ser detentoras da mensagem “verdadeira” de salvação para o aqui e para o porvir.

A competição religiosa é o principal aspecto responsável pela aproximação de interesses religiosos e sociais.

Com a secularização do Estado, o fim do monopólio e a garantia estatal da liberdade e tolerância religiosas, ocorrem o aumento do número de agentes e grupos religiosos e a diversificação da oferta de produtos e serviços religiosos. Neste contexto pluralista, as agremiações religiosas, para sobreviver e crescer, são compelidas a concorrer, disputar mercado. Para tanto, muitas organizações religiosas, além de reforçar seu proselitismo, estimulando o ativismo do clero e a militância dos leigos, procuram, como forma de atrair clientela e recrutar novos adeptos, conquistar novos nichos de mercado, especializando-se na oferta de produtos e serviços adaptados aos interesses e preferências específicos de determinados estratos sociais (MARIANO, 2003, p.4).

O contexto pluralista, resultante da secularização, aumenta a possibilidade de que diferentes interesses sociais dos mais distintos grupos sejam atendidos. Por exemplo, o interesse religioso de ser abençoado para se viver bem e longamente sobre a Terra tende a ser perseguido por indivíduos de distintas classes sociais. Contudo, o significado de “viver bem” varia de acordo com diversas questões, inclusive condição social, podendo,

obviamente, assumir um caráter até antirreligioso. Enquanto para um indivíduo o “viver bem” está relacionado com questões básicas como o pagamento da conta de água no fim do mês, para outro “viver bem” significa ter mais tempo de folga com a família. Portanto, em uma sociedade com ampla oferta de organizações religiosas, espera-se que o indivíduo busque participar de uma organização que melhor relacione seus interesses sociais com a mensagem, doutrina e conduta exemplar pregadas.

Cabe, portanto, à organização religiosa aproximar a profecia do especialista com os interesses dos indivíduos que a compõem. Pois, se o indivíduo não encontra em uma organização a satisfação de seus interesses, buscará em outra tal satisfação.

A segunda variável a ser analisada parte do seguinte princípio: uma organização religiosa que, no contexto da competição e do pluralismo que marcam a modernidade religiosa, se disponha a cumprir sua função de “ligar” o homem ao divino necessita arcar com custos econômicos variados, desde a remuneração do especialista religioso, a remuneração dos demais empregados, compra e manutenção de eletrônicos, até as contas mensais regulares, tais como luz e água. A necessidade de arcar com os gastos não é sua função especializada. É, todavia, parte da “boa gestão” da organização religiosa, necessária para o sucesso desta. Dutra (2016, p. 12) afirma que uma “‘boa gestão’ é aquela que melhor cumpre a função de coordenar o tipo de trabalho voltado a reproduzir a referência funcional predominante nessa organização”. Portanto, o cumprimento pleno da função especializada exige o cumprimento de funções secundárias pela organização religiosa.

Das críticas que as organizações religiosas adeptas do neopentecostalismo sofrem, uma recorrente é o foco das organizações em gerar lucro (MARIANO, 1999). Um dos pastores importantes do movimento neopentecostal no Brasil chega a afirmar que “culto que não dá lucro” não deve continuar acontecendo<sup>1</sup>. Se o critério econômico passa a ser o principal para a coordenação da organização, a boa gestão é comprometida. Por outro lado, não se pode ignorar a necessidade de sobrevivência econômica da organização, uma vez que, na sociedade moderna, a organização religiosa precisa arcar com os gastos econômicos como as demais organizações. Portanto, a organização religiosa tem como função não especializada a coordenação econômica.

Mariano (2003) afirma que a consolidação da situação pluralista moderna influencia as organizações religiosas fazendo com que a lógica de mercado oriente as ações

---

<sup>1</sup> Esta declaração foi dada pelo pastor Marcos Gregório, pastor presidente do Ministério Apascentar de Nova Iguaçu. Tal declaração é um dos motivos apontados pelo então ministério de louvor da igreja para a saída e início de um ministério independente. Ver: <https://noticias.gospelmais.com.br/luiz-arcanjo-e-outros-componentes-saem-do-ministerio-toque-no-altar.html>



organizacionais, religiosas e proselitistas de vários grupos religiosos, destacando-se as organizações pentecostais. Estas organizações têm priorizado um modelo de organização e gestão denominacional de molde empresarial, “cujo efeito é acentuar ainda mais a concentração e verticalização do poder eclesiástico e a centralização administrativa e financeira” (2003, p. 5).

Por fim, além da sobrevivência econômica, objetivo analisar a relação da organização religiosa com o especialista religioso (e com o corpo de auxiliares). Abrutyn (2014) observa que os empreendedores (*entrepreneurs*) são responsáveis por esculpir as esferas institucionais, produzindo e distribuindo bens culturais e visões da realidade, e, ainda mais importante, protegendo sua integridade central” (2014, p.116, tradução nossa). E tal responsabilidade recai, também, sobre o empresário religioso, ou melhor, o especialista religioso.

Entrepreneurs innovate symbolically, normatively, and organizationally (ABRUTYN AND VAN NESS, 2014) and, when “successful,” can generate powerful collective emotions (SUMMERS-EFFLER, 2009) that attach members to each other, the group, and a larger, substantive institutional sphere (LAWLER ET AL, 2009), and also create powerful commitment and, sometimes, merger to the social and role identity associated with these attachments (ABRUTYN, 2014, p.115).

Todavia, os processos de secularização e diferenciação funcional apresentam um perigo para o especialista religioso, pois além da necessidade de sobreviver economicamente, o especialista precisa lidar com a concorrência religiosa disputando os mesmos indivíduos. Assim, especialistas religiosos e organizações religiosas estão intimamente ligados pelo processo de secularização e diferenciação funcional. A organização religiosa assegura algum grau de independência estrutural e simbólica ao especialista religioso, permitindo a este reconfigurar e adaptar sua mensagem e doutrina às demandas do grupo que deseja influenciar, enquanto traz a este especialista a possibilidade de influenciar indivíduos além de sua membresia inicial. Ou seja, a relação especialista e organização religiosa garante a existência e reprodução da profecia religiosa na sociedade. Mesmo não sendo o único componente do sistema religioso, a organização religiosa é decisiva para a sobrevivência e importância da esfera religiosa na sociedade secularizada.

Por outro lado, a organização religiosa demanda do especialista religioso que este responda às demandas e anseios de seus membros (BARNES, 2013). Como dito anteriormente, se os componentes da organização não enxergam neste especialista a

capacidade de satisfazer suas demandas, buscarão em outro especialista a resposta a tais anseios.

But regardless of the variety of personal styles, the teachings of a religious, charismatic leader must deal with the ultimate concerns of a group of people. Clifford Geertz (1966) states that meaning, morality, and suffering are three points where chaos threatens to break upon man, and any religion which hopes to persist must cope with these problems. Likewise, any religious, charismatic leaders who wish to maintain their authority over a following must also espouse an ideology to cope with these three basic points where chaos threatens to impinge on the consciousness of man (BARNES, 2013, p. 3).

Ademais, a organização precisa coordenar a relação entre o especialista e seus demais funcionários, ou seja, coordenar a estrutura das carreiras na organização religiosa. De acordo com as previsões de Weber (1982), a administração burocrática, fundada na coordenação impessoal, seria a regra presente nas esferas sociais. Apesar de a administração burocrática interferir na organização religiosa, a dominação carismática intraorganizacional corresponde à principal forma de tomada de decisão, isto é, recai sobre o especialista religioso a autoridade para ordenar obreiros, pastores, missionários etc., bem como decidir sobre “promoções” e “demissões”.

A autoridade do especialista nas igrejas pentecostais pode ser exemplificada pela fala do pastor Simonton Araújo, pastor da igreja neopentecostal Missão Evangélica Praia da Costa, maior igreja de Vila Velha, no Espírito Santo:

Eu sou o dono da visão. Eu recebi de Deus a visão de como a igreja deveria ser e sobre isso está minha autoridade. Ninguém aqui tem mais autoridade que eu pra tomar decisões ou escolher pastores. Por isso, eu não abro congregações ou pontos missionários. Se alguém vier aqui e me pedir para usar o nome “Missão Evangélica”, eu vou abençoar, mas não vou ser o pastor da igreja dele. Aquela é a visão que Deus deu pra ele. Tenho que respeitar a visão que Deus me deu e fazer o possível para fazer dela sucesso<sup>2</sup>.

Nas igrejas neopentecostais a regra com respeito à remuneração dos empregados é a seguinte: apenas o especialista religioso principal recebe alguma remuneração financeira, que é variável, uma vez que pode ser alterada com o aumento de membros na organização. O neopentecostalismo popularizou uma forma de organização religiosa não comum no pentecostalismo clássico e no deuteropentecostalismo. As igrejas “filiais” não estão ligadas a uma organização religiosa “matriz”, mas estão ligadas ao especialista religioso fundador

---

<sup>2</sup> Entrevista dada a mim em 28/07/2015.

daquela organização. Portanto, Edir Macedo é bispo de todas as Igrejas Universal do Reino de Deus (Iurd)existentes. Da mesma forma, Valdemiro Santiago tem autoridade para ordenar o que for em qualquer Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) no mundo. Contudo, por ser impossível pastorear todas as igrejas, cada igreja tem um pastor responsável, sendo este remunerado. A remuneração deste é fixa até que consiga uma arrecadação estabelecida; caso este pastor obtenha arrecadação maior do que a estabelecida, ele passa a receber assim parte desta arrecadação. Todos os outros obreiros e auxiliares trabalham voluntariamente.

Já nas igrejas neopentecostais que trabalham sob o modelo celular, caso da Igreja Semear que analisaremos neste trabalho, não é comum a abertura de igrejas “filiais”, uma vez que as células cumprem o papel de serem “braços” das igrejas em diferentes lugares. Por isso, o especialista religioso principal da organização é o responsável por consagrar pastores, obreiros, líderes de células e ministros de louvor. Com exceção do “dono da visão”, todos trabalham voluntariamente, e seu crescimento na organização é totalmente dependente da aprovação do especialista religioso principal.

### **3. ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS E O “TRIPÉ PENTECOSTAL”**

A fim de analisar como o pentecostalismo influencia as organizações religiosas, faz-se necessário demonstrar como o “tripé pentecostal” se adapta às distintas demandas religiosas que estas organizações se especializam em atender. O entendimento que cada um tem do transcendente e, mais importante, o que cada indivíduo espera da relação com este transcendente está diretamente relacionado com os anseios e necessidades deste indivíduo, isto é, os interesses sociais deste indivíduo são expressos em afinidade com seu interesse religioso.

O “tripé pentecostal” é uma nova forma de entendimento religioso produzido pelo neopentecostalismo e impacta o campo religioso brasileiro. Observando o “tripé pentecostal” nestas diferentes organizações podemos avaliar como o pentecostalismo se adapta a diferentes interesses sociais.

Nas três organizações religiosas observadas é relevante o impacto do neopentecostalismo. A Igreja Mundial do Poder de Deus nasce graças a este fenômeno, a Igreja Semear se transforma em uma nova organização por causa de seus efeitos, e a Igreja Batista se modifica litúrgica e estruturalmente devido à força neopentecostal.

Neste contexto organizacional, a teologia da prosperidade atua como discurso de “dominação mágica” do mundo. Através da ação mágica de Deus no mundo, que pode ser acessada através do pensamento positivo e da compra de bens santificados, os fiéis têm a possibilidade de melhorar de vida em diversos aspectos, seja pelo acesso aos prazeres do “mundo”, pela “abertura de portas” de emprego ou ainda pela cura de qualquer doença. Isto não resulta, porém, em um uso unidimensionalmente econômico da ideia de prosperidade, já que outras esferas e dimensões como vida afetiva e saúde mental também fazem parte do entendimento prático sobre o que constitui uma vida próspera. Apesar de o aumento do poder de compra e a multiplicação de bens serem um uso frequente e difundido da teologia da prosperidade pelo neopentecostalismo, esta não é a única forma pela qual a teologia da prosperidade é colocada em prática.

Em todas as três organizações a teologia da prosperidade se faz presente com variações. Em igrejas que enfatizam “interesses mágicos”, tais como a Igreja Mundial do Poder de Deus, a prosperidade é focada na esfera econômica e, especificamente, na satisfação de necessidades materiais urgentes. Mas abrange também esferas como a família, sobretudo a solução de conflitos e dramas que ameaçam desagregar a unidade doméstica. Em sua maioria, os textos bíblicos citados lembram uma necessidade que foi prontamente atendida pela ação divina. Ser próspero está relacionado a ser atendido pelo transcendente em suas necessidades básicas. É importante perceber que, apesar da importância dada ao profeta hodierno, a atuação divina está relacionada à fé individual. O mago pentecostal tem a responsabilidade de coibir as ações malignas, preparar o terreno para a ação divina, mas cabe ao indivíduo a utilização da fé para receber a graça divina. A prosperidade não está ligada à ausência de mazelas no dia a dia, mas sim à capacidade de solucionar prontamente tais mazelas, seja uma dor de cabeça que impede de trabalhar, ou um vício do filho. Como exemplo, utilizo a “vitória” relatada a mim por uma senhora na Igreja Mundial do Poder de Deus:

Fui ao banco *dijaboje* e chegando lá fui até o segundo andar pra pegar uma senha porque era dia de tirar o benefício. Aí, tinha um rapazinho dando as senhas, e quando fui pegar a minha, ele me disse que eu ia ter que descer e pegar a senha do andar de baixo porque ali era só prioridade. Ah, menino... Eu olhei bem nos olhos dele e disse: “Tá repreendido em nome de Jesus, o diabo não vai tirar minha vitória”. Ele me olhou com um olhar de reverência e entregou a senha. Aí, eu tirei o benefício pra glória de Deus<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Palavras da senhora Maria Margarete Souza em entrevista dada a mim no dia 09/11/2015.

Enquanto organizações religiosas como a Igreja Mundial do Poder de Deus dão à teologia da prosperidade um enfoque no imediato, organizações como a Igreja Sear, que buscam construir um novo entendimento de mundo, veem a “prosperidade” como a promessa divina de uma nova posição no mundo. O que está em jogo é a formação de um futuro melhor do que o presente. Através das mensagens, células e encontros a difusão da teologia da prosperidade gera disposições para o sucesso em um mundo agora pertencente aos fiéis. Em suma, a teologia da prosperidade em organizações como a Sear, que pregam a entrada em um mundo que não lhes pertencia até então, pode ser observada sob dois aspectos principais: 1) a correta administração e investimento dos bens que tais indivíduos agora possuem e 2) a construção de um capital social intraorganizacional que permite a formação de uma rede de contatos, facilitando a troca de bens e serviços entre os membros da organização. A prosperidade, neste caso, também está muito ligada à esfera econômica, mas abrange também esferas como a família. Nas palavras do Apóstolo Luciano:

A prosperidade é fruto de, primeiramente, fidelidade a Deus, vida com Deus. A Bíblia ensina que é fé, não tento te explicar porque não existe explicação. Fé não se explica, ou você crê ou não. Então, Deus honra quem é fiel a Ele. Isso é o lado espiritual da prosperidade, que é antes do material. A Bíblia diz que tudo que o homem sear ele vai colher, vai ceifar; quando a pessoa se torna fiel, Deus honra de alguma forma, Deus vai abençoar. Deus vai fazer o que tem que acontecer. Isto é o espiritual. Agora o social, a gente precisa entender que essa pessoa quando chegou para a igreja, ela gastava dinheiro com a bebida e ela não vai gastar mais; ela gastava com cigarros, ela não gasta mais; ela gastava com noitada, boates, ela não vai gastar mais. Agora ela é família, tem o lado social da coisa, o lado material financeiro direto; eu tenho esse cuidado, eu ensino a minha igreja e o meu povo a administrar!<sup>4</sup>

Em organizações tais como a Segunda Igreja Batista de Campos, ou seja, organizações religiosas historicamente ligadas ao protestantismo de missão, mas que vêm recebendo a influência do pentecostalismo nas últimas décadas, também é perceptível a influência da teologia da prosperidade. Contudo, a ênfase não se encontra no enriquecimento financeiro, como nas organizações que focam interesses mágicos, e também não se enfatiza a administração dos bens adquiridos. As igrejas protestantes de missão são reconhecidamente fundamentadas em doutrinas históricas e as seguem como base de fé. No caso da igreja Batista, há um quadrilátero básico: arrependimento, fé,

---

<sup>4</sup> Palavras do Apóstolo Luciano em entrevista dada a mim em 19/07/2015.

batismo e santa ceia<sup>5</sup>. A relação com o “mundo” foi, historicamente, uma questão que várias teologias, como a da Graça ou da Libertação se propuseram a resolver. Como resultado, a teodiceia do sofrimento (WEBER, 2009) era parte integrante das pregações das igrejas de missão. A teologia da prosperidade tem ganhado espaço em meio ao protestantismo de missão uma vez que propõe uma nova forma de relacionamento com o mundo, isto é, a vitória sobre este no agora. As teologias do protestantismo de missão entendem que o mundo “jaz no maligno”, contudo a ação de arrependimento e fé do indivíduo podem garantir a salvação e a certeza de um mundo melhor no porvir. A teologia da prosperidade substitui a mensagem de salvação e iminente volta do Messias pela mensagem do bem-estar no mundo atual, seja este bem-estar material, imaterial ou social.

O sucesso da teologia da prosperidade está ligado ao sucesso da guerra espiritual na mensagem pentecostal. Havendo um inimigo que não deseja a vitória dos santos, a vida próspera é marca, justamente, da vitória que se adquire sobre este inimigo. E, assim como ocorre na teologia da prosperidade, a guerra espiritual também é adaptada de acordo com os interesses mágicos e religiosos das diferentes organizações religiosas.

Em organizações religiosas que enfocam interesses mágicos, a guerra espiritual ocorre a todo momento e toca todas as áreas da vida do indivíduo. “Tudo que existe de ruim neste mundo tem sua origem em Satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o homem direta ou indiretamente” (MACEDO, 2002, p.103). Por isso, a solução para as mazelas e problemas é uma só: derrotar o diabo. Esta é a resposta para curar doenças, conseguir empregos, adquirir bens e livrar o filho das drogas. Combate-se o diabo através das orações, intercessões dos pastores e utilização dos bens santificados pelos líderes. A batalha espiritual é algo que ocorre de forma real e presente durante as reuniões. Em uma das reuniões que presenciei, pude observar um dos obreiros que estava em intercessão dizer: “Meu Deus, tem um anjo e um demônio lutando ali”. Neste momento, ele retirou uma flecha imaginária que estava em uma alcova imaginária em suas costas e começou a atirar as flechas no demônio que lutava contra o anjo. Percebe-se que a batalha espiritual é tão real e presente no dia a dia como a comida, a roupa e o dinheiro. A presença do diabo é algo para ser combatido e vigiado.

Por outro lado, em organizações religiosas onde o pentecostalismo atua na formação de um futuro, o diabo também é parte integrante das mensagens e importante para o sucesso da organização. Contudo, diferentemente da batalha espiritual diária durante

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre as doutrinas batistas e o quadrilátero base, ver: [http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?view=article&catid=5%3Adeclaracao-doutrinaria&id=15%3Adeclaracao-doutrinaria-da-convencao-batista-brasileira&format=pdf&option=com\\_content&Itemid=15](http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?view=article&catid=5%3Adeclaracao-doutrinaria&id=15%3Adeclaracao-doutrinaria-da-convencao-batista-brasileira&format=pdf&option=com_content&Itemid=15)

os cultos, a guerra espiritual acontece no dia a dia em forma de tentação e prova da obediência. É importante lembrar que o sucesso pessoal e social pregado por uma organização religiosa tal qual a Semeiar investe no ensino dos “valores bíblicos”, isto é, infalibilidade bíblica, fidelidade no dízimo e respeito à família e hierarquia tradicionais.

A Bíblia não vai mudar por causa da modernidade. Ela traz os princípios de família, o que é uma aliança, o que é o compromisso do homem com a mulher, até que a morte nos separe. Então o papel da igreja é resgatar os valores que se perderam, e conservar aquilo que ela consegue conservar. Eu acho que o maior desafio da igreja é não negociar os princípios bíblicos em relação a qualquer tipo de valor social, não só de família, de amizade e de compromisso<sup>6</sup>.

O diabo atua tentando os indivíduos a romper com os “valores e princípios”, desviando-se do “caminho” da felicidade e prosperidade. O diabo atua no mundo e na vida dos indivíduos dificultando a obediência e sugerindo “atalhos” para a obtenção de prazeres e desejos temporariamente satisfeitos, ou seja, o diabo quer impedir que “o plano de Deus para sua vida” se concretize.

Contudo, em organizações religiosas com formação histórica, o diabo era uma figura secundária e atuante nas “sombras”, afinal “o mundo jaz no maligno”. A entrada da lógica pentecostal nas igrejas protestantes de missão trouxe à guerra espiritual um novo *status*. O diabo deixa de ser um ser transcendente e passa a ser atuante no dia a dia dos indivíduos. Além disso, a vida após a morte que deveria ser “conquistada” neste mundo, e ser aproveitada plenamente no porvir, pode ser, então, vivida aqui, e aproveitada no agora. Combatendo o diabo que age no mundo, pode-se viver melhor, pode-se encontrar solução para as crises emocionais, familiares e materiais. O “sofrimento” pode ser substituído pelo “bem-estar”.

Por fim, além da teologia da prosperidade e da guerra espiritual, o que a análise das organizações religiosas mostrou é que houve, também, uma flexibilização dos usos e costumes, levando em consideração o interesse religioso de cada organização.

Em organizações religiosas como a Igreja Mundial do Poder de Deus, usos e costumes são inteiramente secundários. Durante as reuniões não se disponibiliza tempo para comentar usos e costumes uma vez que todo o tempo é investido na pregação da teologia da prosperidade e na guerra espiritual. Durante os cultos, faz-se menção a vícios, por exemplo, mas não há proibição expressa ou atitudes pelas quais os cristãos devem ser

---

<sup>6</sup> Palavras do Apóstolo Luciano em entrevista dada a mim no dia 06/05/2016.

conhecidos. A marca é a prosperidade, a atenção aos pedidos e a satisfação das necessidades.

Já em organizações como a Semear, há a busca pela criação de novos usos e costumes, que estejam melhor relacionados à vida no mundo moderno. Os costumes estão relacionados a proibições quanto à sensualidade, bebidas, cigarro, músicas e filmes, ou seja, questões relacionadas ao entretenimento, mas quando relacionado à compra de bens materiais ou viajar por diversão, por exemplo, não há nada que impeça tal desejo. Assim, constrói-se um modo de adquirir bens materiais, culturais e construir um novo capital social, priorizando a família e as relações intraorganizacionais.

Por fim, em organizações religiosas protestantes que recebem a influência do pentecostalismo, os usos e costumes são alterados para estarem de acordo com os novos interesses religiosos apresentados. A Segunda Igreja Batista de Campos, por exemplo, condena a “ vaidade”

Os cristãos estão livres para se adornarem, mas observando o princípio da modéstia. Devem saber que são diferentes, que devem ser santos. Se o que usam os transforma em motivo de escândalo ou de descrédito para com sua vida espiritual, estão em erro. Glorificar a Deus com seu corpo, este é o critério básico para o comportamento cristão<sup>7</sup>.

Por outro lado, aceitam que os membros consumam bebida alcoólica, principalmente vinho, frequentem shows de cantores não cristãos, assistam a filmes com classificação para maiores de 16 anos, joguem jogos de guerra nos videogames. A única coisa exigida pela igreja é o “bom-senso”.

Analisando as histórias e as reuniões religiosas acima, podemos observar como o “tripé pentecostal” se adapta às necessidades de diferentes grupos sociais, representados em diferentes organizações religiosas, conforme o seguinte quadro:

**Quadro 1 – tripé pentecostal e organizações religiosas**

Tripé Pentecostal			
	Teol.Prosperidade	Guerra Espiritual	Usos e Costumes
Igreja Mundial do Poder de Deus	Resolução de questões urgentes	Presente em todas as áreas da vida do indivíduo	Pouco enfatizados
Semear	Construção de uma vida melhor no presente e no futuro próximo	Presente nas tentações para desviar dos valores	Construção de novos usos e costumes
2ª Ig. Batista	Busca do “bem-estar” social	Presente no “mundo mau”	Utilização do bom-senso

<sup>7</sup> Palavras do pastor Éber Silva em entrevista dada a mim em 01/11/2015.



O quadro acima nos ajuda a perceber que o pentecostalismo traz uma nova lógica de relacionamento com a sociedade, e tal lógica é adaptada de acordos com os diferentes interesses religiosos relacionados com distintos interesses sociais.

Desta forma, é possível perceber que as mensagens religiosas e as doutrinas pregadas pelos especialistas e propagadas nas organizações religiosas 1) não estão isentas dos interesses sociais dos indivíduos que as compõem; 2) não podem ignorar a existência de uma sociedade secularizada que dita regras de participação que precisam ser obedecidas; e 3) precisam se diferenciar das demais a fim de alcançar sucesso no campo religioso, customizando suas práticas e serviços a públicos específicos.

#### 4. PONTOS CONCLUSIVOS

A religião não é uma esfera privada ou pré-moderna. Pelo contrário, a modernidade exigiu da religião novas formas de competição e novas estratégias para tentar influenciar a sociedade. Assim, umas das estratégias religiosas que surgem na modernidade a fim de responder às demandas desta nova era é o pentecostalismo. De acordo com a literatura especializada, este é o principal responsável pelas mudanças no campo religioso brasileiro e o maior influenciador do impacto político, cultural e social causado pela religião na sociedade brasileira nas últimas décadas. A fim de demonstrar seu impacto sobre as organizações religiosas modernas, apresentou-se o “tripé pentecostal”, a saber, a teologia da prosperidade, a guerra espiritual e a flexibilização dos usos e costumes.

**Tabela 1 – Tripé pentecostal e importância enfatizada**

<b>Tripé Pentecostal</b>	<b>Importância</b>
Teologia da prosperidade	Utilização do “divino” para poder adquirir sucesso social
Guerra espiritual	O Diabo como representação do mal no mundo. Empoderamento dos indivíduos como exemplo de sucesso
Flexibilização dos usos e costumes	Integração à sociedade. Permite ao indivíduo aceitar as benesses do mundo e adaptar-se às esferas sociais.

A teologia da prosperidade é uma forma de entender o divino que enfatiza a utilização do seu poder para “vencer no mundo”. Isto não resulta, porém, em um uso unidimensionalmente econômico da ideia de prosperidade, já que outras esferas e

dimensões como vida afetiva e saúde mental também fazem parte do entendimento prático sobre o que constitui uma vida prospera. Apesar de o aumento do poder de compra e multiplicação de bens serem um uso frequente e difundido da teologia da prosperidade pelo neopentecostalismo, este não é a única forma pela qual a teologia da prosperidade é colocada em prática. O que importa é a capacidade de utilizar os “recursos sobrenaturais” para alcançar aquilo que se crê ser a “vida boa”.

Já a guerra espiritual é um importante elemento para a concretização da prosperidade na vida do indivíduo, pois mesmo o indivíduo que vive humilhado e oprimido socialmente é, pelo poder de Deus, empoderado para humilhar o “dono deste mundo”. Nesta lógica, não há ninguém mais poderoso do que este indivíduo, ainda que oprimido. O “mundo jaz no maligno”, o diabo é o “príncipe deste mundo”, mas nem este príncipe pode superar o poder do homem pentecostal. Afinal, durante as sessões de exorcismo ele não só expulsa o demônio, mas o ordena e o comanda. Logo, se nem o “príncipe deste mundo” é superior ao homem pentecostal, não o são, tampouco, aqueles socialmente vencedores.

Por fim, a flexibilização dos usos e costumes pode ser entendido como resultado da teologia da prosperidade e da guerra espiritual, uma vez que permite ao indivíduo usufruir das benesses do mundo. E esta é uma importante doutrina da qual a religião depende para se integrar à sociedade capitalista, possibilitando a aceitação ao invés da rejeição do mundo.

Com o intuito de demonstrar o impacto do Pentecostalismo sobre as demais vertentes evangélicas na sociedade brasileira, este artigo buscou analisar distintas organizações religiosas para entender como estas têm sido impactadas pelo Pentecostalismo. As organizações selecionadas representam diferentes ênfases teológicas e doutrinárias, estando ligadas a distintas vertentes do Protestantismo. Espera-se, assim, colaborar para a discussão sobre religião e modernidade, observando as formas pelas quais a religião busca relevância e influência em um mundo secularizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRUTYN, Seth. (2014). *Religious Autonomy and Religious Entrepreneurship: an evolutionary-institutionalist's take on the Axial Age*. Koninklijke Brill. Leiden.

BARNES, Douglas F. (2003). *Charisma and Religious Leadership: an historical analysis*. Journal for the Scientific Study of Religion, vol.17, n.1.

BOURDIEU, Pierre. (2003). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva.

- BOURDIEU, Pierre. (2002). *La Distinción: criterios e bases sociales del gusto*. México, Ed. Taurus.
- BURITY, Joanildo A. (1999). *Redes Sociais e o lugar da Religião no enfrentamento de situações de pobreza: um acercamento preliminar*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires.
- DUTRA, Roberto. (2016). *A Universalidade da Condição Secular*. *Religião e Sociedade*, 36 (1), Rio de Janeiro.
- DUTRA, Roberto. (2007). *O Neopentecostalismo e o Novo Espírito do Capitalismo na Modernidade Periférica*. *Revista Perspectivas*, v.32: São Paulo.
- LUHMANN, Niklas. (2002). *Die Religion der Gesellschaft*. Frankfurt. A. M: Suhrkamp.
- LUHMANN, Niklas. (1996). *Liebe as Passion. Zur Codierung von Intimität*. Frankfurt a.M: Suhrkamp.
- MACEDO, Edir. (2002). *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*. Rio de Janeiro: Unipro, 114 pp.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (2012). *Religião, Cultura e Política*. *Religião e Sociedade*, 32 (2); Rio de Janeiro.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. *A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos*. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, v.57, n.3, Rio de Janeiro, 2014.
- MARIANO, Ricardo. *Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010*. *Debates do NER*, ano 14, n.24, Porto Alegre, 2013.
- MARIANO, Ricardo. *Efeitos da Secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais*. *Civitas – Revista de Ciências Sociais* v.3, n.1, Porto Alegre, 2003.
- MARIANO, Ricardo. (1999). *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo Brasileiro*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- ORO, Ari Pedro. (2011). *Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil*. *Horizonte*, v.9, n.22, Belo Horizonte.
- TAYLOR, Charles. (2007). *A Secular Age*. Boston: Harvard University Press.
- WEBER, Max. (2000). *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Trad. De Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. de Gabriel Cohn, 4ª ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- WEBER, Max. (1982). *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC editora S.A.

**João Ricardo Boechat Pires de Almeida Sales**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Uenf